

Apresentação

É com grande prazer que a *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios* abre espaço, neste número, para mais um *dossiê* de trabalhos apresentados em evento da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desta vez, trazemos três artigos derivados de comunicações apresentadas, em outubro de 2016, no *Seminário Traduzindo a Tradução*. Trazemos, também, mais um artigo inédito na área de tradução audiovisual e quatro outros, vertidos pela primeira vez para a língua portuguesa, que representam importantes contribuições para pesquisas nas áreas de crítica literária, estudos clássicos e linguística. Começemos por estes.

O artigo “**Intertextualidade e o cânone retórico**”, assinado por Richard Joseph Schoeck (1920-2008), da Universidade do Colorado, parte de uma história etimológica dos termos "retórica" e "cânone" para abordar a interdependência de métodos e meios entre a arte literária (produção e crítica) e o tradicional sistema retórico que esteve na base da educação europeia desde a Antiguidade. O autor reconhece a intertextualidade como uma "constante literária universal", apontando os modos pelos quais o ensino formal (particularmente britânico) na Idade Média e no Renascimento teve um papel central na validação do cânone literário. Ao final, Schoeck aponta caminhos para avaliar, decodificar e relativizar a tradição retórica no contexto da crítica moderna, ressaltando que o processo de desconstrução, tão em voga, não deve implicar o desmantelamento das estruturas, mas uma manifestação consciente de cada uma delas.

Em seguida, temos a contribuição de Marc Baratin, professor da Universidade de Lille, na França. Seu artigo “**Sobre a estrutura das gramáticas antigas**” nos traz uma análise da estrutura e da constituição de um tipo de descrição gramatical que ocupou posição dominante no final da Antiguidade: os tratados intitulados *Artes grammaticae*. Embora seja destacada uma tentativa de inferir, a partir dos textos estoicos, um modelo grego original nas *Artes* latinas, o autor demonstra que a lógica interna da descrição gramatical artigráfica difere essencialmente da lógica que rege os textos estoicos.

Os dois artigos seguintes correspondem a capítulos do livro *Linguistique historique et linguistique générale*, de Antoine Meillet (1866-1936), professor do Collège de France. O primeiro deles, “**A evolução das formas gramaticais**” (1912), é um marco para os estudos linguísticos modernos, pois empregou o então neologismo "gramaticalização" (*grammaticalisation*, no original francês), sendo citado ainda hoje nos mais diversos trabalhos sobre o tema. Meillet se dedica à definição e análise do que seria o processo que denomina gramaticalização, combinado à maneira de agrupar palavras em uma língua e à necessidade que tem o falante de ser expressivo, a partir dessas diferentes possibilidades de agrupamento.

Já em “**A renovação das conjunções**”, publicado originalmente na seção histórica e filológica do Anuário da École Pratique des Hautes Études de 1915-1916, Meillet afirma, a despeito da tendência esperada de manutenção das conjunções em línguas de uma mesma família, que ocorre o inverso, ou seja, a renovação constante das conjunções em função das necessidades expressivas dos falantes, e faz isso com base em extensas comparações entre as línguas indo-europeias. Ainda que sua origem remonte à linguagem familiar, é na língua erudita que as conjunções são desenvolvidas e fixadas, uma vez que esta última é particularmente suscetível ao empréstimo de

palavras de todo tipo. Dessa forma, o pesquisador demonstra como, salvo algumas partículas indispensáveis, as conjunções são pouco empregadas na língua corrente e, ainda assim, estão sujeitas a se renovar ininterruptamente.

Contribuindo para a área de estudos da tradução audiovisual, temos o artigo “**A tradução de expressões idiomáticas da série *Friends*: legendas profissionais versus legendas amadoras**”, de Andressa Christine Oliveira da Silva. Com a expansão da Internet, vimos surgirem as legendas amadoras ou *fansubbing* que, em geral, acompanham produções disponibilizadas de forma gratuita, enquanto os modos de distribuição pagos e outros mais tradicionais, como canais de TV e DVDs, trazem legendas realizadas por tradutores profissionais. O artigo busca comparar as soluções dadas nos dois tipos de legenda para as expressões idiomáticas, com análises bem abalizadas e interessantes.

Para abrir a seção *Dossiê do Seminário Traduzindo a Tradução*, apresentamos o artigo “**A tradução dos nomes em Harry Potter**”, de Isabella Aparecida Nogueira Leite, traz uma discussão acerca de opções tradutórias envolvendo nomes das casas, de títulos de capítulos, de personagens e criaturas da saga Harry Potter, de J.K. Rowling. Foi enfocada especificamente a obra “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, a primeira da série, que tem a característica de possuir dois títulos distintos em inglês, um para a Inglaterra, outro para os Estados Unidos. A autora se vale, como aporte teórico, dos artigos de Germana de Souza *et al.* e de Dalila Lopez, que discutem a tradução de nomes próprios. São analisadas as traduções de 38 nomes e 17 títulos de capítulos.

O interessante artigo “**Mia Couto em tradução: a escrita entre a subjetividade e as emoções do gesto pictórico**”, de Iago Marques Medeiros, parte de uma aproximação dialógica entre literatura e artes plásticas para avaliar a tradução de algumas imagens literárias miacoutianas do português para o francês. Vale-se, para tal fim, da analítica proposta por Antoine Berman como instrumental para uma crítica da tradução de prosa literária. O artigo leva em consideração o contexto político-ideológico de surgimento das obras do escritor moçambicano, avaliando como a tradução das mesmas, consideradas parte de um sistema periférico, é feita para uma língua e cultura historicamente mais centrais. A análise conclui, nos termos de Berman, que aconteceram deformações da “letra” do original, momentos em que a tradutora implementou uma “normalização do diverso”.

Encerrando este número, temos o artigo “**As políticas linguísticas e a questão da tradução de literatura japonesa para a língua inglesa: um projeto político-ideológico estadunidense**”, de Marcionilo Euro Carlos Neto. Nele, o autor enfoca a formação de identidades culturais a partir da leitura de obras traduzidas. Afastando-se do antigo paradigma da tradução como uma transferência neutra de conteúdos de uma língua para outra, o autor se baseia em teorias culturalistas dos Estudos da Tradução para apontar como posições política e ideologicamente marcadas podem levar a sutis manipulações, tanto no nível textual como, antes, na própria seleção do material a ser traduzido. Tais posições moldam a imagem que o leitor estrangeiro fará da cultura de origem a partir da leitura de obras literárias traduzidas.

A todos, uma boa leitura.

Os Editores
Fernanda Cunha Sousa
Charlene Martins Miotti
Adauto Lúcio Caetano Villela